

EUA elevam juro para reduzir crescimento

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON — O aumento da *prime rate* reflete uma contração do crédito por parte do banco central americano e também o desejo de continuar atraindo investidores estrangeiros nos Estados Unidos. Desde agosto do ano passado, as taxas de juros americanas vêm aumentando gradualmente. Em 4 de setembro passado, a *prime rate* subiu meio ponto de 8,25% para 8,75%. Os dois aumentos em pouco mais de um mês são equivalentes a 1%.

Desde que investimentos estrangeiros passaram a ser responsáveis pela estabilidade do dólar, nos últimos dois anos, autoridades financeiras americanas vêm se esforçando para torná-los compensadores e, dessa forma, evitar seu abandono em massa do mercado dos Estados Unidos. Espera-se o governo Reagan e o banco central do país, agora presidido por Alan Greenspan, continuem restringindo o crédito e aumentando a taxa de juros a fim de desestimular a inflação. Na medida em que o dólar vem baixando, os preços dos produtos importados aumentam e o único recurso disponível às autoridades para impedir uma espiral inflacionária num ano eleitoral são as taxas de juros. Com juros mais altos, a economia americana deverá desacelerar.

Nos últimos anos a sociedade americana vem aumentando extraordinariamente sua dívida tanto interna quanto externa. Dados publicados pelo Departamento do Comércio ontem revelaram que o crédito aos consumidores aumentou em agosto a um ritmo anual de 9,5%. Isso aconteceu a despeito das taxas de juros para crédito a consumidores — predominantes nos empréstimos estendidos por meio de cartões de crédito — terem atingido uma média de 15%.

Tanto o governo quanto os bancos americanos podem aumentar as taxas de juros porque a população beneficia-se do mais longo período de expansão econômica da história do país. Atualmente há 113 milhões de americanos empregados, 2,7% a mais do que no ano passado. A segurança no emprego geralmente dá confiança à população, que vê ajustamentos de pequena escala, mesmo os que afetam seu bolso, como necessário para assegurar a estabilidade. Desde janeiro, a inflação americana subiu para 5,5% e parece haver consenso em que uma aceleração dessa taxa poderá prejudicar a economia e desestimular investimentos.